

Índice

| | |
|--|---|
| A população mundial, meio século depois..... | 1 |
| Os novos problemas de população | 3 |

A população mundial, meio século depois

Nos anos 60, as previsões catastrofistas sobre o excesso de população cresciam de um modo descontrolado. Em 1968, foi publicado "The Population Bomb", livro em que Paul Ehrlich anunciava o iminente colapso da humanidade, incapaz de alimentar a sua população. O livro do biólogo de Stanford iria converter-se na bíblia dos pregadores do controlo populacional, apoiados com milhões de dólares avançados por fundações e organismos internacionais. Cinquenta anos depois, a população mundial continuou a crescer e está muito melhor do que então.

Os [prognósticos de Ehrlich](#) e restantes "especialistas" que há meio século diziam que a Terra já não podia sustentar a população mundial, constituíram um fracasso. Em 1968, o planeta tinha 3550 milhões de habitantes, que cresciam a um ritmo de 2,09 % ao ano. Em 2017, a população mais do que duplicou até aos 7630 milhões e o crescimento demográfico desceu para metade (1,09 %). E não só sobrevivemos, como estamos muito melhor do que em 1968, inclusivamente os pobres.

Dar de comer ao dobro

De acordo com as vozes pessimistas de então, a humanidade estava à beira do abismo devido a três ameaças.

A primeira era a escassez de alimentos perante o rápido aumento populacional: como a superfície das terras cultiváveis é limitada, a explosão demográfica levaria a uma fome sem precedentes. O mesmo Ehrlich assegurava que a batalha para alimentar a população mundial já estava perdida então, e que na década de 70, centenas de milhões de pessoas iriam morrer de inanição. A Índia era já um caso de país irrecoverável, que nunca seria autossuficiente em alimentos.

Depois surgiu ["a revolução verde" de Norman Borlaug](#) ("Aceprensa", 26.9.2009), que multiplicou a produtividade agrícola e, mais tarde, as culturas transgênicas. Graças a estas inovações, embora a população mundial tenha duplicado, a produção de alimentos *per capita* superou de modo constante e significativo o crescimento da população.

Ainda assim, a FAO estima que, atualmente, 800 milhões de pessoas sofrem de desnutrição crónica, número que não variou muito apesar do aumento da população. Em países que são autossuficientes na produção alimentar, há pessoas que passam fome, mas por falta de poder de compra. Noutros, o problema é a guerra ou catástrofes naturais. Segundo o [relatório sobre segurança alimentar](#), apresentado pela FAO em 2017 ("Aceprensa", 12.2.2018), em 10 dos 13 países mais afetados pela escassez de alimentos existem confrontos armados. Noutros, o problema é a má gestão política, como na Venezuela chavista.

Problemas de ricos

O que mudou também é o tipo de problemas alimentares, entre os quais, o aumento do consumo mundial de carne, um problema de ricos. Foi publicado na revista "Science" o maior

estudo internacional sobre o impacto da criação de gado no meio ambiente, com base nos dados de quase 40 000 explorações de 119 países. O estudo, dirigido por Joseph Poore, da Universidade de Oxford, conclui que a produção de carne e produtos lácteos proporciona 18 % das calorias e 37 % das proteínas da alimentação humana, utilizando a grande maioria das terras agrícolas (83 %) e provocando 60 % das emissões com efeito de estufa causadas pela agricultura (["The Guardian", 31.5.2018](#)).

O estudo avalia o impacto de 40 produtos, que constituem 90 % do que se come, em relação ao uso de terras, emissões com efeito de estufa, consumo de água e poluição da água e do ar. E afirma que comer menos carne é o modo mais simples de reduzir a "pegada de carbono" de uma pessoa no planeta. Muito mais decisivo do que comprar um automóvel elétrico. Também revela que há inúmeros modos de produzir a mesma comida e também a carne, o que propicia uma margem para uma redução dos efeitos sobre o meio ambiente, sem necessidade de adotar a opção vegetariana.

Também o demógrafo francês Hervé Le Bras [salienta](#) ("Le Monde", 7.12.2017) que "atualmente se produz o dobro das calorias vegetais que se consomem, pois essas calorias vegetais alimentam os animais que nos proporcionam calorias animais. Metade da produção atual de cereais é destinada aos animais domésticos". De qualquer forma, são os países ricos que deveriam modificar a sua dieta, pois nos países pobres come-se muito menos carne, se é que se come.

Outro problema crónico existente é o [desperdício de alimentos](#) ("Aceprensa", 7.3.2014), visto que se deita fora ou estraga entre um quarto e um terço do que se produz.

Os recursos criam-se

A segunda ameaça que referiam os pessimistas dos anos setenta era o esgotamento dos recursos. O livro apocalíptico sobre o tema foi "Os limites do crescimento" (Relatório ao Clube de Roma; 1972), elaborado por especialistas do MIT (Dennis Meadows e outros) e que vendeu a espantosa quantidade de quatro milhões de exemplares em todo o mundo. A sua tese principal era que se o aumento da população mundial e a exploração de recursos naturais se mantivessem ao ritmo de então, os recursos esgotar-se-iam antes de decorridos cem anos. Segundo os seus cálculos, nos tempos que correm, já teriam acabado o alumínio, o chumbo, o cobre, o petróleo, o zinco, o estanho... Como solução, propunham um "crescimento zero" ou "estado estacionário" da economia e da população, para não esgotar os recursos.

O diagnóstico de "Os limites do crescimento" era apoiado por esse respeito mítico que então suscitavam os primeiros programas de simulação por computador. Mas se algo aprendemos no meio século que decorreu, são os limites das

previsões. Não só continuamos a ter petróleo ou alumínio, como em certos recursos temos mais do que em 1972.

E a verdade é que as previsões baseadas no conceito de reservas conhecidas de um recurso natural são enganadoras por duas razões. Primeira, porque a quantidade de reservas nunca é fixa, visto que os recursos se procuram e se encontram quando são necessários. Segunda, porque embora se conheça a quantidade de reservas, o inventário atual não afirma o que se poderá utilizar no futuro, algo que depende do preço a que esteja o recurso. Assim, o aumento do preço dos combustíveis sólidos pode rentabilizar a extração de gás e petróleo por *fracking*.

Num mundo que sempre havia considerado o crescimento económico como um sinal de progresso, a recomendação do "crescimento zero" foi polémica. Rapidamente se verificou que bastava fazer alterações mínimas e realistas nas hipóteses, para que o modelo apresentasse conclusões mais otimistas. Por outro lado, também aprendemos a utilizar os recursos de modo mais eficiente, como se viu nas medidas de poupança de energia. E o recurso mais inesgotável é a inventiva humana, que descobre sempre novas possibilidades onde antes não eram vistas.

A degradação da Natureza

Como nem as fomes nem o esgotamento dos recursos se concretizaram, o malthusianismo acentuou mais a terceira ameaça: a progressiva degradação da Natureza. O lugar-comum típico ocidental transmite a imagem de um mundo desenvolvido, com uma natalidade "civilizada", em contraste com um Terceiro Mundo que tem uma natalidade descontrolada, a qual o impede de sair da pobreza e o força a degradar o meio ambiente. A "capacidade de carga" do planeta para sustentar a sua população estaria a chegar ao limite. Deste ponto de vista, o controlo da natalidade converte-se no principal objetivo, com acentos ecologistas de respeito pela Natureza, ou de defesa feminista dos "direitos reprodutivos", embora na prática se trate de fazer as pessoas não se reproduzirem tanto.

Na realidade, o problema ambiental não é tanto o número de habitantes como o seu nível de consumo. Para os países do Norte rico, salienta Hervé Le Bras, denegrir a exuberante natalidade dos pobres "é um modo cómodo de não questionar o seu próprio modo de vida e o seu consumo. Ao incriminar os países do Sul porque têm mais filhos, os países ricos dizem-lhes na realidade que não têm direito a poluir e a consumir como nós o fizemos". Esta perceção condicionou as negociações internacionais para lutar contra o aquecimento global. Compreende-se que os países, como a China e a Índia, que querem deixar para trás a pobreza, exijam aos países ricos que proporcionem os recursos económicos, de modo a que a defesa do meio ambiente não seja feita à custa do seu desenvolvimento.

Esta abordagem que perpetua a distinção entre o Norte rico e o Sul pobre perde de vista que a divisão entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos não é estática. Há cinquenta anos, ninguém teria considerado a China como uma potência económica mundial, e hoje é. Com o decorrer do tempo, cada vez há mais países de classe média, que franquearam um limite mínimo de rendimento e de desenvolvimento.

Evoluímos para melhor

Se a medida do avanço ou do retrocesso é o bem-estar das pessoas, é inegável que no último meio século houve um grande progresso mundial. A esperança de vida está a crescer em quase todo o lado, e para os nascidos em 2015 era de 69 anos nos homens e 73 nas mulheres. Evidentemente, as diferenças regionais continuam a pesar: enquanto que a esperança de vida em 29 países de rendimento elevado é de 80 anos ou mais, em 22 países que se encontram em vias de desenvolvimento, todos eles africanos, mal ronda os 60, mas são estes os que conseguiram mais avanços.

Como se observa nos [Objetivos de Desenvolvimento do Milénio](#), fixados no ano 2000 com o horizonte em 2015, o aumento da esperança de vida deve-se em grande parte à descida da mortalidade dos menores de cinco anos, que no período de 2000-2015 se reduziu de 100 para 50 por mil; e da descida da mortalidade materna, que se reduziu em 45 %. A taxa mundial de escolaridade no ensino básico subiu até aos 91 %, embora nem todos os países possam identificar escolaridade com aprendizagem efetiva. Também em quase dois de cada três países foi alcançada a paridade de sexos no ensino primário. A meta de reduzir para metade (em relação a 1990) a percentagem de pessoas com rendimento inferior a 1,25 dólares diários foi alcançada em 2010, embora este índice de pobreza extrema seja algo arbitrário.

Em resumo, todos os indicadores básicos mostram uma evolução positiva nas últimas cinco décadas, tanto no Norte como no Sul. É verdade que também há “Estados falhados” que não proporcionam aos seus cidadãos um mínimo de segurança material, mas costumam ser países onde existem conflitos armados.

I. A.

Os novos problemas de população

Cinquenta anos depois de “The Population Bomb”, os problemas já não se podem reduzir ao que se chamava a [“explosão demográfica”](#), expressão hoje em desuso. As diversas regiões do mundo têm diferentes problemas de população, e diversas potencialidades.

A fecundidade está a declinar em quase todas as regiões do mundo. Inclusivamente em África, o continente onde é mais alta, desceu para 4,7 filhos por mulher em 2010-2015. Nesse período, a fecundidade ficou abaixo do nível de substituição das gerações (2,1) em 83 países que representam 46 % da população mundial. E a redução da fecundidade significa não só que a população cresce de um modo mais lento, como também que é uma população mais envelhecida.

Na Europa, Rússia, Japão e China, o grande problema não é o excesso de natalidade, mas o seu défice, que vai levar à perda populacional. Em 40 países – entre os quais a China e a Rússia – tem vindo a reduzir-se a população em idade de trabalhar, o que levanta uma série de problemas económicos sérios.

Haverá que aumentar a produtividade e a participação da mulher no mercado laboral para compensar a descida do número de trabalhadores. A dívida nacional acumulada recairá sobre menos habitantes. Haverá menos ativos por pensionista, o que já está a obrigar a fazer reformas no sentido de atrasar a idade de reforma e diminuir as prestações. Será mais dispendioso no plano sanitário o atendimento de uma população envelhecida. Estes países serão menos atrativos para os investidores. E, em geral, haverá menos pessoas para promover ideias inovadoras.

De acordo com as estimativas demográficas publicadas pela ONU em 2015 – [“World Population Prospects”](#) –, no ano de 2050 a população mundial alcançaria os 9700 milhões, mas com uma distribuição diferente da atual. As populações de quase cinquenta países – a maioria deles constituída por europeus – terão diminuído.

Entre os países desenvolvidos com um volume populacional importante, o único onde continuará a crescer são os EUA, que teriam 388 milhões.

Na Europa, a “revolução contracetiva” converteu-se num obstáculo para o desenvolvimento, e hoje o grande problema é como estimular a natalidade. Estima-se que daqui a 2050 as mortes venham a ultrapassar os nascimentos em 63 milhões, descida que não se poderá compensar com a imigração, que só contribuirá com 31 milhões.

A política do filho único e a sua consequência de aborto seletivo de meninas está a passar a fatura igualmente à China, que enfrenta um sério problema de envelhecimento

populacional e de desequilíbrio entre homens e mulheres. Nesse país, a população irá estabilizar na próxima década e começará a diminuir a partir de 2030.

A juventude, em África

Se o rosto europeu tem cada vez mais rugas, África é a juventude. Mais de 50 % do aumento demográfico mundial de 2015 a 2050 (7300 milhões para 9700) virá dessa região: 1300 milhões. A juventude da população do continente, com muitas mulheres em idade de procriar, dá protagonismo a África.

O aumento da população acontecerá sobretudo entre os dois trópicos africanos. Isto pode aumentar os problemas nos países do Sahel, afetados pela secagem do lago Chade, pela desflorestação e pelas guerras atuais. Pelo contrário, ao sul dessa zona, a densidade de população é mais baixa (na República Democrática do Congo é apenas de 37 hab/km²).

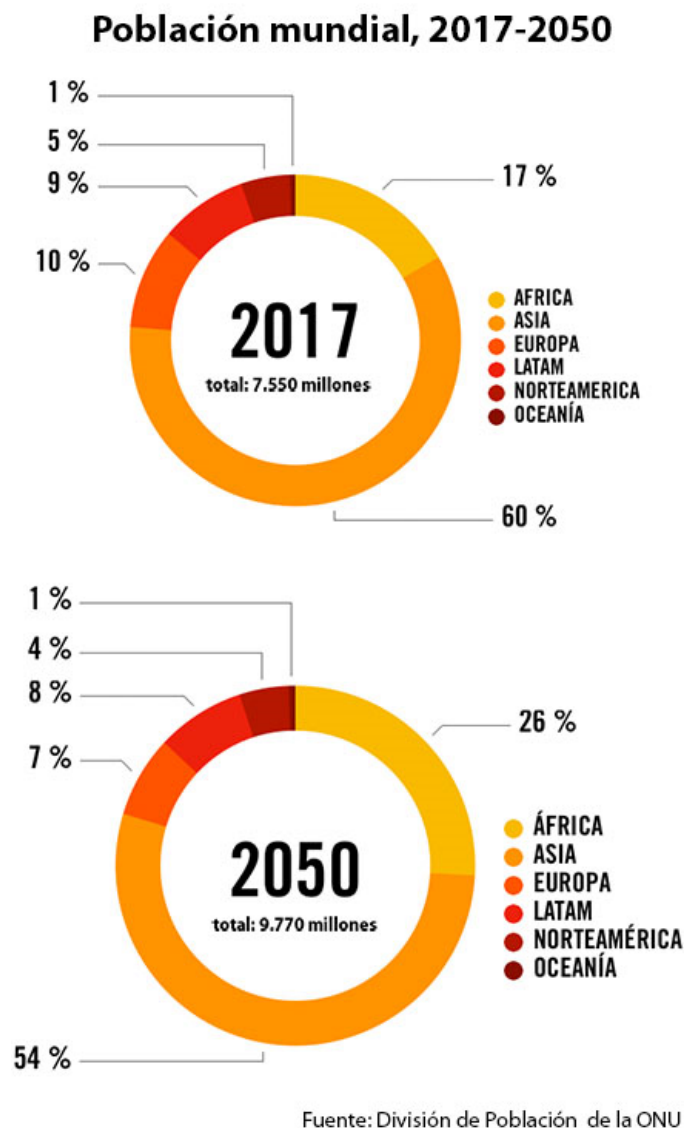
A Ásia tem o segundo lugar no crescimento da população mundial. De acordo com as projeções da ONU, contribuirá com mais 900 milhões de habitantes até 2050. A Índia, o Paquistão e a Indonésia são os países que mais vão crescer. Em face destes dois continentes, o crescimento na América do Norte, América Latina, Caraíbas e Oceânia será muito menor.

As populações movem-se

Os fluxos migratórios levam a que os problemas populacionais de uma região influam noutras. A Europa e o Japão recebem a imigração, mas são os que mais dela estão necessitados. A China tentará atrair os chineses que estão no estrangeiro. E para muitos jovens africanos, ir para a Europa continuará a ser um sonho, às vezes transformado em pesadelo. De qualquer forma, chegar a acordos entre países deficitários e excedentários em população para uma imigração ordenada parece cada vez mais urgente. O aumento da educação da mulher e o atraso da idade de casamento estão a ser os fatores mais influentes na moderação da fecundidade, tanto em África, como na Ásia.

Cinquenta anos depois dos alarmes sobre o crescimento da população e da implantação da pílula, existe uma situação inesperada. As regiões onde os contraceptivos e o aborto se generalizaram (Europa, Rússia, China, Japão), enfrentam um problema de escassez de natalidade, que não permite nem substituir as gerações e se converte num obstáculo para o avanço. E nos países que mais contribuem para o crescimento da população mundial, as campanhas contraceptivas não constituíram um motor do desenvolvimento.

Dados atualizados em 27.6.2018, que "Aceprensa" publicou:



I. A.